

NOSTALGIAS

* Roberto Rodrigues

Estava há alguns dias na França em um Congresso que discutia, mais uma vez, o recorrente tema da alimentação mundial. As mesmas perguntas feitas em eventos similares ao redor do mundo foram repetidas: seremos capazes de garantir comida, fibras e energia, sustentavelmente, aos 9 bilhões de terráqueos em 2050? De novo vieram à baila as questões do uso da água, o aquecimento global, os transgênicos, os biocombustíveis e a emissão de CO₂.

O Brasil, neste cenário, é admirado como um país que realizou um impressionante e majestoso avanço no setor rural; mas ao mesmo tempo, é visto como uma ameaça aos concorrentes europeus, o que os leva a “amplificar” nossos defeitos nas áreas social, ambiental e política.

Mas ninguém falou de reduzir os subsídios agrícolas que distorcem o comércio internacional e inibem o aumento da produção de alimentos nos países emergentes ou pobres. Ao contrário, quem os defendeu foi aplaudido e riram muito quando afirmei que esperava que a França liderasse a luta por menos protecionismo.

Também ouvi boas coisas, como sempre: um moderno líder do setor produtivo, me contou que criou uma Fundação bancada por empresas privadas francesas para explicar aos consumidores do país que, por trás de cada produto encontrado no supermercado há um produtor rural. Curiosamente, afirmou que os urbanos franceses também acreditam que o leite e o frango nascem nas gôndolas, que os bombons surgem na chocolateria, que as roupas aparecem nos shoppings. “Este filme já vi”, pensei, e por causa disso lembrei-me de Clarinha, com quem tantas vezes tratei deste tema da comunicação. E senti saudades dela.

Minha imaginação a trouxe para tão pertinho que quase senti seu perfume suave feito com as **flores** mais coloridas e cheirosas.

Ah, Clara, lembrei-me de você despertando, manhã já alta, os longos cabelos loiros esparramados em desalinho pelo travesseiro macio de **macelinha** do campo. Espreguiçando livre, dentro de um minúsculo pijama de **seda**, e querendo sair, voluptuosa, dos lençóis de **linho** que cobriam o colchão de **paina**. Linda, linda!

Os raios de sol que teimavam em atravessar a persiana de **bambu** fininho lambiam cada parte do seu corpo alvo, delicado. Tive ciúme daquele solzinho matinal. Saíu do banho, escorrendo a espuma do sabonete de **rosas**, escovou os dentes com pasta **mentolada**, penteou-se com graça infinita com aquele grosseiro pente de **osso bovino**. Vestiu-se... Quanta graça ao entrar naqueles jeans de **algodão**, justos, modelando as pernas perfeitas, e na blusinha de **lã**,

porque fazia um friozinho sutil. Sapatos de salto alto, elegância natural em você, que me dizia:

- “Meus sapatos de **couro**, meu cinto, minha bolsa e carteira são o subproduto do churrasco”, mostrando que sabia que tais objetos não existem sem **pasto** e **gado**. E o salto, de **madeira**. Como também vinha das **árvores** o papel do jornal que leu antes do café.

Ah, Clara, Clarinha, Clarita, quanta nostalgia tive na França ao imaginá-la tomando seu café da manhã feito de tudo que vinha do sítio: o **leite**, a **rapadura** que o adoçava, as **frutas**, os **ovos**. Ou o que vinha de outros lugares rurais, como o **trigo** do pão, a geléia do **morango**, a **manteiga**, o **café** cheiroso, o **chocolate**...

Bem, o evento terminou, voei para o Brasil e para os braços dela. E logo na primeira noite fomos ouvir um concerto de violinos, de madeira, cujas cordas do arco são feitas de **crina de cavalo**.

E, em homenagem à França, antes de dormir tomamos um belo vinho da Borgonha, feito de **uvas** especiais... Tudo agro, como tudo na vida é agro.

* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal